

Comemorações em 2008: literatura, história, política, teatro, cinema e televisão. Tudo na escola!

Roseli Fígaro

*Pós-doutora pela Universidade de Provence, França. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Mestra em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero. É professora doutora da Universidade de São Paulo¹.
E-mail: figaro@uol.com.br*

Resumo: Em 2008, há muito que comemorar: duzentos anos da imprensa no Brasil; cem anos da morte de Machado de Assis; cem anos do nascimento de Guimarães Rosa; cinquenta anos de Cinema Novo, de Bossa Nova, e relançamento do álbum *Chega de saudade*. Mas é também aniversário de maio de 1968; ano de lembrar das lutas dos movimentos sociais, dos artistas e dos jovens brasileiros contra a Ditadura Militar e do AI-5. São temas imperdíveis para ser tratados na escola com muita criatividade e bom humor.

Palavras-chave: Machado de Assis, Guimarães Rosa, Bossa Nova, arte, política, educação.

Abstract: In 2008, there is a lot to commemorate: two hundred years of press in Brazil; one hundred years of Machado de Assis' death; one hundred years of Guimarães Rosa's birth; fifty years of Cinema Novo and of Bossa Nova, and there is the re-edition of the album *Chega de Saudade*. But it is also the anniversary of May 1968, year to remember of the social upheaval, of the Brazilian artists and youth fights against the Military Dictatorship and AI-5. Those are unforgettable themes to be approached in school with creativity and good humor.

Keywords: Machado de Assis, Guimarães Rosa, Bossa Nova, art, politics, education.

Faz cem anos que Machado se foi! E mesmo ele, do alto de sua verve literária, de sua capacidade de comentar e desvelar os recônditos vícios da personalidade humana, não escapou da tenaz hipocrisia tão combatida por ele: sua certidão de nascimento o registrou negro e, a de óbito, o classificou como branco!

Aprendeu francês com um padeiro, seu amigo. Foi tipógrafo na Imprensa Nacional, o mais intelectual dos ofícios, e também o mais contestador, de onde saíram lideranças para o movimento operário. Machado, no entanto, também foi censor. Punha-se como o guardião da qualidade da obra literária. O excerto do parecer que expediu em 16 de março de 1862 é prova do que lhe ia à alma:

APRESENTAÇÃO

1. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Linguagem Verbal, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação, mundo do trabalho, gestão da comunicação, cultura, comunicação e educação. Maiores informações: <<http://lattes.cnpq.br/8523048386991279>>.

Clermont ou A mulher do artista é uma dessas banalidades literárias que constituem por aí o repertório quase exclusivo dos nossos teatros. A bem dizer não é um drama, é uma narração fria, fastidiosa, trivial, onde a luta dos sentimentos é nula, e onde nada existe do que pode constituir um drama. Se a peça nada vale por si, a tradução veio torná-la mais inferior ainda, se é possível. Não só a construção da frase portuguesa se ressentiu do idioma original, mas ainda há vocábulos disparatadamente traduzidos. Entre outros, ocorre-me o verbo *demandar* – traduzido na acepção de pedir, em vez de perguntar, que é a que cabe na ocasião (cena 6ª do 2º ato); e a palavra *répétition* – traduzida repetição, em vez de ensaio, como convinha [...]².

Assim, exara seu desagrado ao texto teatral e mostra zelo pela língua materna.

Qual seria o parecer de Machado de Assis sobre a prosa de Riobaldo e Diadorim? Como leria o sertão desenhado por Rosa?

Pena não se terem encontrado; seria magistral!

O ano de 2008 marca também o centenário de nascimento de João Guimarães Rosa, autor de *Grande Sertão: Veredas*, literatura que transforma o regional em universal; o homem do sertão no homem do mundo. Para Antônio Candido é:

A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e o nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico – tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que subtrai o livro da matriz regional, para fazê-lo exprimir os grandes lugares-comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio, amor, morte, para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório, e, na verdade, o Sertão é o Mundo³.

A poesia da língua de Rosa é a da língua da vida; é a tradução do uso que o homem comum faz dela em sua labuta com o meio infiel!

Mas o que dizer do encontro desses senhores com a Bossa Nova?

João Gilberto, Tom Jobim, Júlio Medaglia, Nara Leão, Vinícius de Moraes, Carlos Lyra – e tantos outros parceiros, como diria Vinícius! –, numa roda maravilhosa! Nessa mesa, a casaca de Machado seria substituída pelo terno de linho branco e, certamente, Guimarães teria o violão debaixo do braço. Dá até saudade!

E assim fizeram Tom Jobim e Vinícius de Moraes!

Vai, minha tristeza, e diz a ela
que sem ela não pode ser
Diz-lhe, numa prece,
Que ela regresse,
porque eu não posso mais sofrer

Chega de saudade, a realidade é que sem ela
Não há paz,
Não há beleza,
É só tristeza e a melancolia
Que não sai de mim, não sai de mim, não sai

2. Rio de Janeiro, 16 de março de 1862. Parecer de Machado de Assis sobre o drama em três atos *Clermont ou a Mulher do Artista*, autor desconhecido. Disponível em: <<http://www.olivro.com/machado/teatro/censor/index.html>>. Acesso: 16 jul. 2008.

3. *Alô Escola*, TV Cultura. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/literatura/guimaraesrosa/guimaraesrosa2.htm>>. Acesso: 16 jul. 2008.

Mas, se ela voltar, se ela voltar,
Que coisa linda, que coisa louca,
Pois há menos peixinhos a nadar no mar
Do que os beijinhos que eu darei na sua boca.

Dentro dos meus braços,
Os abraços hão de ser milhões de abraços,
Apertado assim, colado assim, calado assim,
Abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim

Que é pra acabar com esse negócio de você viver sem mim.
Não quero mais esse negócio de você longe de mim...
Vamos deixar esse negócio de você viver sem mim.

Capitu adoraria!

Os peixinhos, os passarinhos, o amor vivido sem dor, misto de melancolia e de prazer. É calma, doce, bela; assim é a dor do amor. E assim se cantam os anos dourados!

Depois da indústria de base, da Petrobrás, de *o petróleo é nosso*, Juscelino⁴ acende esperanças com os 50 anos em 5. *O Brasil – um canteiro de obras*.

A música, a poesia e o então recém-lançado *Grande Sertão: Veredas*, como falavam daquele Brasil? O cinema era *novo*, a bossa era *nova* e parecia que íamos ingressar no seletto mundo dos desenvolvidos.

Mas... O projeto nacional que se foi desenhando para o Brasil, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, esbarrou no latifúndio, no imperialismo e foi suplantado pelo Regime Militar: vieram os anos de chumbo.

Em dezembro de 1968, o Ato Institucional n. 5, o AI-5, poria termo a um movimento, cultural e político, que vinha tentando juntar as aspirações da classe média por maior consumo e acesso aos bens culturais ao desejo de inclusão social dos proletários do campo e da cidade. Romântica visão: *os artistas vão onde o povo está* ou *a revolução bate a nossa porta, vamos a ela!*

Visto pelo foco de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha (1964), ou pela encenação de *Roda Viva*, de Chico Buarque (1967), cuja estréia foi no Rio de Janeiro, em 1968, o Brasil era um caldeirão de problemas e de possibilidades.

Depois de tantas promessas, o século XX terminou chocho!

Aí está um bom percurso para ser feito em sala de aula: eclético e pouco enquadrado nas disciplinas. Podem-se buscar nos livros didáticos, na música, no cinema, na literatura, no teatro, informações que precisam ser contextualizadas em seus respectivos períodos e relacionadas ao tempo presente para ganharem sentido e tornarem-se conhecimento. É mais trabalhoso e necessita de tempo de preparo, maturação e maturidade para ir além da certeza do controle e da autoridade conferida pelo posto de professor. Sem, no entanto, negar a responsabilidade que a ele se designa.

Tantas comemorações programadas em 2008 servem como pretexto para trazer à escola temas que possam, ao serem cruzados com a literatura, a história, a geografia, ao ensino do português, incrementar o espírito crítico, o gosto

4. Ver também: o documentário OS ANOS JK. Direção: Silvio Tendler. Roteiro: Claudio Bojunga, Antonio Paulo Ferraz, Silvio Tendler. Brasil, 1980 (110 min), p&b; a minissérie da Rede Globo JK, com roteiro de Maria Adelaide Amaral, de 2006.

estético, a cultura geral e, sobretudo, a curiosidade. Mais do que disciplina, a escola carece de curiosidade!!!

EDUCOMUNICAÇÃO COMO PRÁTICA PARA A CIDADANIA

No ano em que também se comemoram os 200 anos da imprensa no Brasil, o espírito inovador das décadas da Bossa Nova e do Cinema Novo, do teatro independente de Arena, dos grupos Oficina⁵ e Opinião pode ser chamado para inspirar nossas atitudes quanto ao futuro. Os meios de comunicação – a imprensa, a televisão, o rádio, o cinema, a internet – são conquistas da humanidade que precisam chegar a todos e, por incrível que pareça, ainda se restringem a bolsões em nosso país. José Marques de Melo, professor emérito da Universidade de São Paulo, discute, em *Bicentenário da imprensa desafia sociedade a promover inclusão cognitiva*, a necessidade de reiterarmos o compromisso de luta pela democratização do acesso aos bens culturais, especialmente da mídia impressa, como fez Alfredo de Carvalho, entre tantos outros anônimos comunicadores e educadores. Como exemplo, o premiado Educador do ano de 2007, o professor da ECA-USP Ismar de Oliveira Soares, destaca, em seu artigo *Quando o Educador do Ano é um educador: o papel da USP na legitimação do conceito*, a contribuição que a Universidade de São Paulo oferece, especialmente por meio da trajetória de um conjunto de professores do Departamento de Comunicações e Artes da ECA, ao trabalhar o conceito de educomunicação. Os resultados obtidos a partir de projetos pedagógicos, implantados em diversas escolas do sistema público, pelo país afora, atestam o valor do princípio da educação dialógica e em sintonia com as linguagens da contemporaneidade.

O conceito de educomunicação tem como eixo a compreensão de que os meios de comunicação também são educadores. E como tal devem ser acompanhados e cobrados por seu compromisso. Nesse sentido, destaque-se o artigo de Maria das Graças Targino, no qual registra a contribuição do *Independent Media Center* para a participação do indivíduo no processo de produção e consumo de notícias.

EDUCOMUNICAÇÃO: APRENDIZADO COM AUTONOMIA

Produção e recepção são processos interdependentes; todos somos enunciatadores/enunciatários de discursos, somos seres de comunicação. A situação de enunciatador/enunciatário (sujeito de seu discurso) pressupõe a condição de seleção e organização crítica e criativa do percurso da informação ao conhecimento⁶. Condição para a qual a escola tem um papel específico e diferente de outras instituições. Ela cresce em relevância à medida que propicia aos indivíduos recursos para que possam atuar criticamente, dando-lhes elementos que venham a contribuir para a autonomia no aprendizado.

5. Disponível em: <http://www.teatroficina.com.br/uzyna_uzona>.

6. BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso*. São Paulo: Ática, 1995.

Além dos conteúdos das disciplinas tradicionais, o grande desafio do professor é mobilizar o conhecimento disponível em áreas diversas para dar substância ao trabalho cotidiano em sala de aula. Pode-se recorrer a Brecht, por exemplo, para se discutir a produção artística na era da indústria cultural. Celso Frederico, em seu artigo *Comunicação e arte: o experimento sociológico de Brecht*, traz uma reflexão bastante atual ao mobilizar a experiência de Brecht em propor um debate público sobre as relações entre teatro e cinema, arte e mercadoria e, principalmente, sobre o direito de propriedade da obra artística.

Em um ano de tantas comemorações relativas a maio de 1968, vale pensar sobre qual é a face da censura na atualidade. Esta é uma provocação da qual não escapamos depois de lermos *Liberdade, identidade e criatividade na Música Popular Uruguaia*, artigo da professora uruguaia Josseline I. Cabanne. Ela nos mostra a força da criatividade, da poesia e da música quando falam da história e das lutas de um povo.

A leitura semiótica da produção simbólica é, sem dúvida, uma possibilidade instigante para aprofundar-se no conhecimento crítico sobre a obra de arte e os produtos da indústria cultural; distinção, inclusive, complexa nos dias que correm! Rosane Silva se ampara na semiótica de Charles S. Peirce para fazer a leitura das imagens produzidas pela ilustradora Cláudia Scatamacchia e o poema *A princesa Raga-Si*, de José Arrabal. Scatamacchia é ilustradora de livros de contos e histórias maravilhosas, muito solicitadas por crianças e jovens; e José Arrabal, jornalista e escritor de obras de ficção, grande parte delas voltada ao universo infantil.

A publicidade pode estar na sala de aula e despertar a reflexão sobre nossas práticas de consumo, além de uma análise das estratégias persuasivas de que se utiliza. Armando Levy Maman nos propõe essa reflexão em seu artigo de Gestão da Comunicação, *Propaganda, a arte de gerar descrédito*.

Nada contra a presença da telenovela na escola! Mas como trazê-la? Com aquele olhar ingênuo do consumidor deslumbrado? Não. Na escola, a telenovela, assim como todas as demais produções, deve entrar pela porta da frente, para fazer parte do processo crítico de conhecimento. Saber ler a mensagem significa provocar a reflexão sobre as formas de produção, sobre os temas das tramas, sobre a música, o cenário etc. Pensar o processo de recepção e indagar sobre o que fazer com a telenovela e sobre o modo como ela serve ao consumo são questões propostas pela crítica de Fernanda Elouise Budag, ao analisar a telenovela *Rebelde* e a Banda RBD.

O professor é o mais desafiado no processo de busca do conhecimento. Ensinar é um verbo muito complicado. Carrega com ele a densidade daquilo que se exige para conhecer – o caminho da experiência, do apropriar-se de algo a partir de inquietações próprias. *A literatura como patrimônio*, artigo de Cristiane Fernandes Tavares, conta a experiência do projeto de formação continuada de professores, refletindo sobre a leitura de textos literários em sala de aula. O professor que aceita o desafio busca a formação continuada, ou seja, com continuidade: frequência e permanência. Essa continuidade da formação

deve estar vinculada a rumos e objetivos claramente traçados com relação não só à inclusão na escola de todos os jovens em idade escolar, mas, sobretudo, à qualidade dessa experiência educacional. Sobre esse tema, *Comunicação & Educação* entrevista a pesquisadora portuguesa Ana Cabrera, que nos fala sobre os desafios da sociedade portuguesa quanto à educação.

O educador leva do artista a característica de alguém que está disposto a causar polêmica e reflexão. O depoimento do mímico Eduardo Coutinho nos provoca essa reflexão. O aparato físico do professor – gesto, voz, expressão facial, ritmo – são elementos que contam na comunicação em sala de aula. A afetividade, o respeito, o reconhecimento transpiram de sua figura. A mímica é uma arte, bem como objeto de pesquisa e de aprendizado das potencialidades comunicativas de nosso corpo.

Se o corpo fala, ele também se comunica no silêncio. O silêncio pode ser cruel! Na seção Poesia, Adilson Citelli nos mostra que *O silêncio em quatro interpretações* – de Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira e Murilo Mendes – nos convida a encontrar um significado para nosso próprio silêncio.

As demais seções da revista *Comunicação & Educação* provocam e instigam à pesquisa a partir de inúmeras outras possibilidades: Serviços, Videografia, Boletins Bibliográficos e Atividades em sala de aula. Vamos a elas!